

Conclusões

O objetivo deste trabalho foi o de mapear as especificidades do “indivíduo-fora-do-mundo”, os chamados por Dumont (2000, 1992) de renunciantes ou renunciadores, aqueles que, como acentuava Weber (1999) tem uma posição relativamente marginal em relação a certas dimensões sociais, como o poder, o dinheiro, a sexualidade e, nas sociedades arcaicas e tribais, a família e a tribo.

As singularidades acerca do tema “renúncia” e a tentativa de tematizar as especificidades de uma experiência de viver “fora-do-mundo”, levou à uma razoável aventura sociológica. Como a expressão indica, quem está “fora-do-mundo” livra-se de certas obrigações sociais imperativas e rotineiras, e ao renunciar à sua sociedade morre sociologicamente para ela, mas, em compensação, assume um novo papel no qual está sujeito a outros constrangimentos.

A experiência da individualidade constitui-se na experiência fundamental de estar “fora-do-mundo”: somente uma singularidade extremada, dramática, conduz à uma individualização. E é somente à partir de uma individualização muito forte que o indivíduo se vê capacitado a abdicar de uma vida em sociedade rompendo com ela definitivamente. Como confirma Dumont (2000), o indivíduo deve “bastar-se a si mesmo”.

Verificou-se que tal experiência foi vivenciada pelo personagem do livro “*Os Sertões*” (1984), Antônio Vicente Mendes Maciel, o “Antonio Conselheiro”. Sua renúncia ao mundo ficou evidenciada no mito da “Lenda Arrepiadora”, esta, a grande tragédia que abalou sua vida. Ao tomar esta atitude, viu-se, ainda, os constrangimentos morais e físicos pelos quais foi obrigado a passar na nova “*missão*” por ele empreendida dada que, estigmatizado na sua sociedade original viu-se obrigado a abandoná-la. Nessa caminhada, vários axiomas antes presente em sua biografia foram sacralizados, esses que somente a experiência da renúncia engendra: Antônio Vicente Mendes Maciel teve de abrir mão das prerrogativas que possuía dentro da sociedade original; passou por situações que se pode afirmar constrangedoras, como a falta de asseio, dormir no chão, jejuns

prolongados, solidão absoluta.

“*Os Sertões*” (1984) foi a referência principal deste trabalho, pela sua complexidade. A visão euclidiana circunscrita no livro, teve como propósito ressaltar as minúcias com as quais o autor trabalha com a idéia de “sertão” brasileiro, no qual coloca o povo sertanejo dentro de uma concepção determinista e racista para quem a uniformidade física e psíquica do tipo sertanejo enquanto um “tipo antropológico invariável” (DaMatta, 1987) não eliminaria a possibilidade de um retorno a um estágio mais baixo na evolução da raça e da civilização. Euclides da Cunha procurou colocar em todas as situações esse determinismo, assim como seu viés racista. Porém, não se procurou superdimensionar essas premissas, mas apenas mostrar a forma como elas foram direcionadas especificamente à trajetória de vida de Antonio Conselheiro.

Este trabalho congregou a biografia de Antônio Vicente Mendes Maciel estabelecendo o percurso empreendido por ele desde sua infância atravessando a “Lenda Arrepiadora” em uma investigação que se buscou inventariá-la minuciosamente, operando entre ficção e a realidade. Em se tratando de Antônio Vicente Mendes Maciel, a escrita se tornou naturalmente tarefa delicada, pois as perspectivas que tanto a bibliografia histórica quanto a ficcional ofereceram foram conflitantes entre si o que se tornou difícil evidenciá-las numa escrita totalizante como se dá numa narrativa tradicional.

Porém, trabalhar a narrativa de Euclides da Cunha (1984) dentro de um viés mitológico/ficcional, favoreceu o entendimento para a “saída do mundo” de Antônio Vicente Mendes Maciel. Estigmatizado dentro de sua sociedade dada o revés trágico que sofreu, viu-se obrigado a abandoná-la pela vergonha, pela dor e pelo sofrimento imposto pela atitude de sua mãe. É nesse momento de sua trajetória de vida inventariada na “Lenda Arrepiadora” que sua “insanidade” reascende e, assim, renuncia à sua sociedade e parte peregrinando pelos sertões sem rumo certo, completamente desorientado, como um louco, deixando todo seu passado para trás e segue em busca de uma nova *missão*.

Dentro desse contexto, ou seja, na busca de um “mundo novo” como uma nova *missão*, apresentou-se um estudo sobre o carisma assim como do messianismo a partir das idéias de Max Weber (1982; 1999; 2001) e Maria Isaura Pereira de Queiroz (1977). Sem dúvida, pode-se afirmar que Antônio Conselheiro foi um líder messiânico e como tal portador de um forte carisma. Logo, dentro

desta perspectiva religiosa de cunho messiânico, Antonio Conselheiro uniu-se a um grupo de pessoas que o seguiram em suas peregrinações e reentra no mundo, ao “fundar” com esse grupo uma cidadela que ele denominou de Belo Monte.

Conclui-se, assim, que Antonio Conselheiro representou um modelo de renunciador que decidiu não mais voltar à ordem social antiga ao construir uma “nova sociedade” mas, uma sociedade paralela ao sistema social brasileiro, a futura cidade de Canudos, palco da grande tragédia que abalou a sociedade brasileira no final do século dezenove. A construção de sua nova comunidade mostra, na verdade, sua vontade de voltar a “existir” após sua “morte” social, assim como mostra uma clara tentativa de continuar a pertencer ao mundo.

Existem, portanto, duas perspectivas como base para justificativa deste processo: a sua renúncia ao mundo inventariada na “Lenda Arrepiadora”, e sua ascensão como “Antonio Conselheiro”, que ao fundar sua nova sociedade tornou-se um líder carismático e passou messianicamente a liderar um grande contingente de fiéis seguidores. Tornou-se líder de uma comunidade que reuniu nos sertões longínquos do Brasil mais de 25.000 pessoas em seu entorno. Pessoas que não passavam fome e tinham água para beber e acreditavam em suas palavras. Foi essa comunidade, que esse renunciante modelar brasileiro, em sua nova *missão* construiu e defendeu até o último momento da Guerra de Canudos (1896-1897). Antonio Conselheiro não fugiu ou exilou-se, morrendo onde havia pregado e inventado sua sociedade. É essa a trajetória excepcional da vida de Antônio Vicente Mendes Maciel.

Conclui-se, portanto, que a “Lenda Arrepiadora” (Cunha, 1984) articula-se simbolicamente com o trágico destino do seu biografado. A inconcebível maldade maternal expressa na “lenda”, seria um modo de simbolicamente justificar o sentido trágico da vida deste Antônio Vicente Mendes Maciel que como Conselheiro, morreu arrastando consigo milhares de pessoas numa guerra que desestabilizou a jovem república brasileira. Entre os fatores de importância incontestável para sua renúncia, deve-se à armação da sua própria mãe, que ao engendrar um flagrante de adultério levou o filho ao infortúnio, assassinando as duas: a esposa adúltera e a própria mãe. Pelo crime que cometeu, segundo a “lenda”, foi acusado de matricida e uxoricida pela polícia baiana. A partir daí torna-se um “indivíduo-fora-do-mundo”, um renunciante, um ser sem lugar na sua sociedade de origem. A renúncia ao mundo, às vezes, não é fruto de escolha, mas,

de uma tragédia pessoal como ficou evidenciado na trajetória de vida de Antônio Vicente Mendes Maciel.

Em vista das conclusões apontadas, pode-se dizer que, o tema “renúncia”, assim como os motivos que levam o indivíduo a abandonar a sua sociedade não se esgotam no presente estudo e carece de mais pesquisas acadêmicas. Em estudos posteriores, sugere-se a realização de pesquisas qualitativas e quantitativas entre os tipos renunciadores que, por algum motivo trágico, seja uma doença incurável, uma grande perda financeira ou pessoal, despem-se de suas prerrogativas como cidadão e passam a perambular pelas ruas das grandes cidades, encontrando nestes renunciadores outras variantes dentro destas perspectivas.

Também outra possibilidade de pesquisa é buscar junto aos remanescentes da Guerra de Canudos, no próprio *campo*, um contingente maior de informações acerca dos acontecimentos que resultaram na morte trágica de uma infinidade de brasileiros que viveram grande parte de suas vidas sob a égide de Antonio Conselheiro. Aqueles “sertanejos” que puderam, durante um período relativamente curto, experimentar um tipo de vida mais promissor e com um pouco mais de cidadania dentro do contexto “sertões” – “a terra de ninguém”.

Embora a bibliografia a respeito seja extensa, o próprio *campo* contribuiria para inventariar tanto a biografia de Antônio Vicente Mendes Maciel como suas inflexões religiosas, assim como o que ocorreu no período da Guerra de Canudos. Para além da bibliografia aqui utilizada, dois filmes importantes deveriam constar deste estudo mais detalhadamente: “*Deus e o diabo na terra do sol*” de Glauber Rocha (1964) e “*Abril despedaçado*” (2001) de Walter Salles.

Quando aborda no filme dois momentos bem distintos entre si, um ligado ao fanatismo religioso e o outro apresentando a própria violência do cangaço, Glauber Rocha (1964) propõe a idéia de continuidade, porque aqueles aspectos representam as poucas alternativas restantes ao sertanejo oprimido. No filme, mais que ocupar faces de uma mesma moeda, bem e mal /Deus e Diabo são elementos disponíveis, isto é, são os instrumentos à disposição para resistir à opressão imposta pelas condições sócio-econômicas da região. Com o crucifixo numa mão e noutra o facão, recriam-se temas recorrentes na literatura regionalista brasileira: a religiosidade associada à violência.

As palavras do cantador que encerram o filme curiosamente retomam a profecia de Antônio Conselheiro:

“Tá contada a minha história / verdade, imaginação / espero que o sinhô /tenha tirado uma lição / que assim mal dividido / esse mundo anda errado / que a terra é do homem / não é de Deus nem do Diabo / e o sertão vai virar mar / o mar vai virar sertão”.

Se o filme situa a representação da miséria, em consonância com uma estética da fome, da carência total, a corrida no final do filme até que surge o mar, é a corrida no caminho da utopia, na qual, em vez de carência, prevalece a imagem da abundância nas exuberantes ondas de um mar que chega até o homem do sertão.

O tema “vingança” poderá ser observado no filme *“Abril Despedaçado”* (2001), o qual consiste em uma adaptação de Walter Salles da obra literária, homônima, escrita por Ismael Kadaré em 1991. A trama do romance de Kadaré mostra um estudo de vingança existente nas montanhas albanesas chamado *Kanun*, conhecido como um código moral transmitido oralmente há muitos séculos. Este código determina que quando um membro de uma família é assassinado, por motivos vários, principalmente por questões de honra e de intrigas, outro membro dessa família tem obrigação de matar alguém da família do assassino.

Importante, para finalizar este trabalho, conferir ao livro *“Os Sertões”*, para além da grandiosidade da obra, a grande contribuição de Euclides da Cunha que, ao escrevê-lo em 1902, portanto cinco anos após a maior guerra acontecida no Brasil, a Guerra de Canudos, trouxe à tona a realidade do mundo sertanejo mostrando para todo o Brasil o mundo de miséria, da seca, da fome, da violência e do esquecimento que esta região do país experimenta até os dias de hoje.

Finalmente, cabe uma referência de teor antropológico: Como Antonio Conselheiro, Euclides da Cunha teve um fim trágico e sucumbiu ao mesmo código de honra que vitimara, no sertão cearense, a família do futuro líder de Canudos. Ambos foram construtores itinerantes, um de pontes e estradas, o outro de igrejas e cemitérios. Os dois tiveram o destino marcado pelo adultério.